

NAS DOBRAS DAS COMPOSIÇÕES, OUTRAS PALAVRAS

Alessandra Melo¹

Alik Wunder²

Davina Marques³

Lágrimas?

Ou apenas

dois intoleráveis

ardentes gumes de névoa

acutilando-me cara abaixo?

Gumes de Névoa

José Craveirinha

Poema do futuro cidadão

Vim de qualquer parte
de uma Nação que ainda não existe.
Vim e estou aqui!
Não nasci apenas eu
nem tu nem outro...
mas irmão.
Mas
tenho amor para dar às mãos-cheias.
Amor do que sou
e nada mais.
E
tenho no coração
gritos que não são meus somente
porque venho de um País que ainda não existe.
Ah! Tenho meu Amor a todos para dar
do que sou.
Eu!
Homem qualquer
cidadão de uma Nação que ainda não existe
José Craveirinha (Moçambique)

Sabe, a gente já faz sarau aqui. A gente lê muita literatura marginal. Mas, sei lá, as palavras são parecidas com as palavras que a gente usa. Vocês trouxeram outras palavras. Gostei. Testemunhos como esse têm movido nossos projetos. O trabalho com oficinas de fotografia com o tema das africanidades tem alimentado uma produção enorme de fotografias e escritas poéticas em nossos projetos de pesquisa e extensão em parceria com o Núcleo de Leitura da Associação de Leitura do Brasil. Há quatro anos realizamos oficinas de criação fotográfica e poética em diversos espaços da cidade - escolas, centros culturais, universidades, praças... Algumas imagens e textos que criadas neste trabalho foram apresentadas no 20º COLE, na exposição *Oficinas de experimentação com palavras e imagens*. Nesta comunicação trazemos algumas imagens escolhidas de uma oficina realizada com adolescentes em duas

¹ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. E-mail: alessandra_telecom@yahoo.com.br.

² Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. E-mail: alick.wunder@gmail.com.

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Hortolândia, São Paulo, Brasil. E-mail: davina.marques@ifsp.edu.br.

unidades da Fundação Casa - Unidades *Maestro Carlos Gomes e Campinas*, onde dezenas de jovens cumprem medidas socioeducativas.

O Núcleo de Leituras da ALB possibilita o contato de jovens de escolas públicas e de comunidades não escolares com as dimensões estéticas da literatura e das artes visuais e estimulando a criação com palavras e imagens, em especial, com a poesia e com a fotografia. O interesse pelas questões relativas às variações e apropriações singulares da leitura e a aproximação com o Movimento Brasil Literário (MBL) nos animaram, em 2013, a criar o Núcleo de Leitura da Associação de Leitura do Brasil. O Movimento por um Brasil Literário, iniciado pelo Manifesto do escritor Bartolomeu Campos de Queirós em 2009, é um espaço plural que articula pessoas, organizações sociais e movimentos engajados em ações concretas em defesa do direito de todos à literatura. O Núcleo de Leitura da ALB articula-se também com o Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO (FE – Unicamp) pelo Projeto de Pesquisa “Inventos por entre Áfricas, literaturas e imagens” (CNPQ), bem como com escolas, associações civis e coletivos de artistas na organização de encontros.

Bruma

Perdidos meus olhos...
 incerto meu passo...
 Vago o gesto, no espaço!...
 Mesmo assim
 o meu andar se não detém.
 Além,
 continuam a esperar por mim,
 os mundos que uma vez encontrados
 ninguém mais descobriu...
 Quem me viu?...
 E eu vou só...
 perdidos meus olhos,
 incerto meu passo,
 vago o gesto no espaço...
 mas VOU-ME!...
 Isso me basta!...
 Alda Lara (Angola)

O grupo de universitários, pesquisadores e artistas convidados do Núcleo de Leitura envolve-se em processos de criação coletiva, tendo como tema as africanidades - os ventos-áfricas que nos percorrem. A pergunta sobre que as Áfricas nos ventam é um disparador para gerar encontros – oficinas, saraus, exposições – entre alunos de escolas públicas, artistas, grupos de música, danças e capoeira, movimentos culturais e sociais, pesquisadores... Apostamos na potência do encontro ao desenvolvermos oficinas de fotografia e poesia em diversos locais: casas de cultura, museus, escolas, universidades, praças públicas. As criações imagéticas e poéticas perambularam por encantamentos, silêncios, tensões, clichês, dores, fascínios, curiosidades, desconhecimentos e preconceitos. Nós oferecemos imagens (produzidas em outras oficinas) e obras de poetas afro-brasileiros e africanos. A oficina se abre como um espaço de criação conjunta. Não lidamos com a ideia de oficina como espaço de aprendizado técnico de uma linguagem – fotografia, pós-produção fotográfica, escrita poética – mas de experimentação a partir do encontro com processos de criação que se fazem por estas linguagens. A oficina é um convite à abertura, à multiplicidade e à diferença, à rajada imprevisível gerada no encontro com o outro – uma pessoa, uma imagem, um poema, um objeto, uma voz... Diferença que se faz no encontro com outras formas de experimentar o

mundo, com outros modos de dizer e pensar os problemas que nos percorrem. Como possibilitar a vazam de forças e sensações por imagens e palavras? Como dar som ao inaudito? Como possibilitar a expressão em meio ao silenciamento? Perguntas que mobilizam. Nesta comunicação apresentamos uma composição nossa na relação com algumas imagens e palavras selecionadas da nossa oficina com os meninos da Fundação Casa, em uma aposta naquilo que se movimenta em dobras de encontros de criação e de pesquisa.



Figura 01: Arquivo do Coletivo Fabulografias.

Criar possibilidades de expressão é um desafio em um local onde a velocidade dos corpos é diferente por estarem submetidos ao regime de segurança e ao confinamento. A modelagem aos corpos é imposta e nota-se nas cabeças baixas quase sempre raspadas, nas mãos para trás e nas vestimentas cinza e branca dos meninos. É preciso lidar com esse panóptico das sociedades disciplinares (FOUCAULT, 1999) que martela as grades, encobre o sol, confina os corpos, talha as paredes com pequenos anúncios sobre dor, tristeza, revolta e saudade, mas que nunca e jamais confina pensamentos. Para Deleuze (1988) a subjetivação constitui um modo intensivo de ser e é produzida tanto na relação consigo quanto na relação com os outros e com as coisas. Consigo os meninos trazem tatuados em seus corpos sua relação com o mundo do crime ao serem expositórios vivos de vários símbolos com apologia ao crime. Entre eles, ou seja, com os outros eles, a demonstram ao reproduzirem códigos de conduta do mundo do crime, ostentarem seus feitos – mais os delitos que não foram pegos – e conversarem em gestos através de um alfabeto tal qual um alfabeto em libras, porém com particularidades que o diferem, e que grita em meio a impossibilidade de sons.

Impossível falar sobre a Fundação Casa sem submergir-se de aromas, sombras e sons - *clanc*, ferro com ferro! - impossível não dizer da população das Casas nas quais desenvolvemos as oficinas do Coletivo Fabulografias e que é composta por adolescentes cumprindo medidas socioeducativas. Esses menores infratores internados frequentam uma série de orientações e oficinas, recebem apoio psicológico, além assistirem a aulas no ensino formal no período da manhã - já que o resgate de sua trajetória escolar é um dos focos da medida. A sala de aula

branca de portas de aço e grades amarelo-vivas abriga um número variável de meninos que vai de 12 a 30 dependendo do período de cumprimento da medida socioeducativa dos adolescentes e conseqüentemente da população da Fundação Casa. Na maioria das vezes trata-se de salas multisseriadas com alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. As duas oficinas de criação poética e fotográfica se deram nas aulas de filosofia, em um movimento de criação imagética já iniciado por Alessandra Melo, professora de filosofia na Fundação Casa.

Lugar

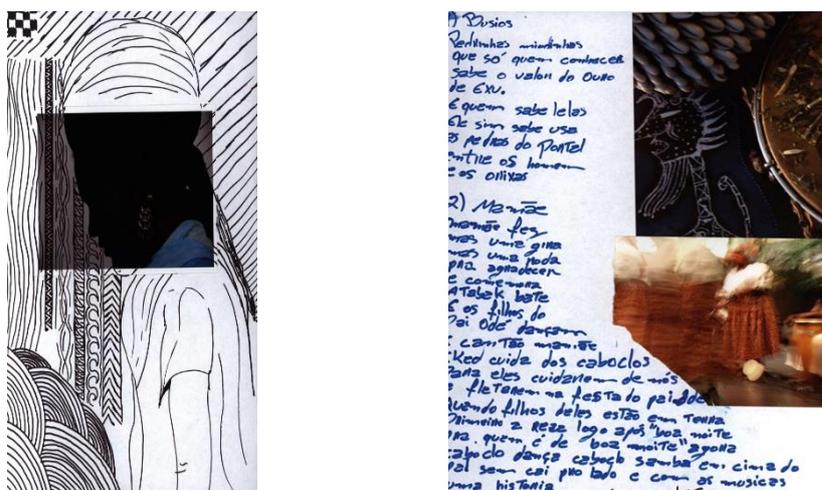
Se é para dizer digo poesia
a voz que acrescento donde de venho
à indistinta sombra
ao dia

E onde tudo no vento se podia
como um dardo a casa clara
este recomeço grava tão nu
o relâmpago que foi aberta orla
de iodo e verde

Se é pra dizer eu escrevia
dentro do teu corpo este lugar
onde o sentido principia

Luis Carlos Patraquim (Moçambique)

Trabalhar com fotografia na Fundação Casa é esvaziar sentidos e se afastar de ‘um saber do tipo informativo e formalizado sobre as coisas’ (PREVE, 2009) - é possibilitar movimento ao imóvel, dobrar sentidos enquanto muitos meninos inertes adormecem por sobre as mãos. É fugir da identificação equivocada do menino como preso e vê-lo como atuante, possibilitando vazão a sua potência criativa, é estar em uma “dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como poiesis, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção.” (KASTRUP, 2013).

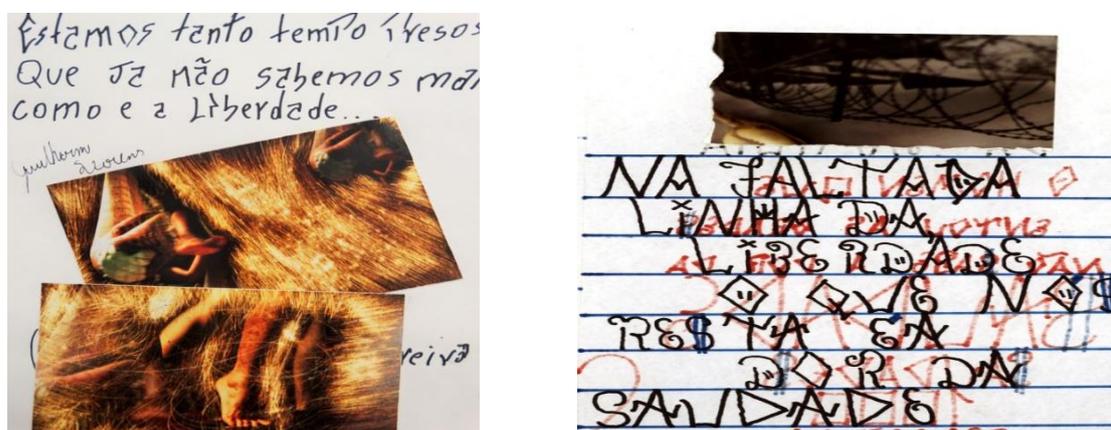


Figuras 02 e 03: Arquivo do Coletivo Fabulografias.

Declarações de amor, pedrinhas miudinhas, caboclos, tambores velhos de gritar, recombinações de cores, liberdade, o minuto perfeito, chuva impiedosa e rija, superfícies e profundezas. Palavras colhidas das composições poéticas desses encontros. Partimos da leitura de poetas de países africanos lusófonos e outros poetas. Na leitura em voz alta, a palavra se fez som e criou um espaço-tempo outro. Instaurou-se uma atmosfera de poesia. Outros ares. Entraram as imagens, cartões-postais criados em outras oficinas, ventos de outros cantos. Abriu-se um espaço-tempo de criação entre o traço, a palavra e a imagem. Algo aconteceu. “Um acontecimento do dizer, no dizer” (VILELA, 2010).

Nas oficinas o convite era para rasgar, arranhar, rasurar, amassar as fotografias e construir outras imagens com seus restos. Copiar poemas, reescrevê-los, continuar uma frase, inventar outras, numa mixagem de palavras entre imagens. Uma possibilidade de compor, de vaziar algo de um mundo silêncio, de construir o sem-sentido, um dizer em desconexão com o sentido dado. A oficina convida a criar um movimento de sentidos, sem-sentidos, fluxos, sensações sem a necessidade de interpretação. As imagens e as palavras produzidas ganham a força de afetar sem a necessidade de uma significação e fixação de sentido. Um dizer rabisco, em imagens rasuras, um dizer gaguejante, no fluxo da sensação de quando não há o que dizer. Muitas dessas produções se fizeram em um tempo de profundo silêncio. No corpo a corpo do processo criativo algo acontece, não há captura possível na obra. Há risco e entrega de corpo que por instantes libera-se de grades.

Estas produções foram expostas em diversas situações em encontros dos meninos com suas famílias. Os pais (na sua maioria, as mães) puderam levar para casa a imagem produzida pelos filhos, já que na Fundação Casa nenhum objeto pode ser guardado pelos internos. As imagens e palavras circularam entre professores, gestores, agentes sociais da instituição e outras pessoas, em exposições, dentro e fora da Fundação Casa. As linhas intensivas expandiram-se para inesperados espaços. Que forças carregam e expandem?



Figuras 04 e 05: Arquivo do Coletivo Fabulografias.

No inesperado do encontro entre existências, resistências, violências traçaram-se outras palavras, imagens rasuras. Nas rasuras, nos recortes, nas composições, na palavra atravessando imagens e palavras, identificamos subjetividades, singularidades, vozes. As fotografias e poemas que oferecemos aos meninos no que chamamos de “banquete de imagens e palavras”, nos arremessam às forças e resistências afro e negras diante da escravidão a violência e a colonização e suas marcas nas relações contemporâneas no Brasil e nos países africanos lusófonos. As criações dos meninos sobre estas imagens e palavras oferecidas dobram-se sobre suas experiências, sobre as intensidades que atravessam seus corpos em situação de retenção.

Na falta da linha da liberdade... dor, saudade, dúvida, giro, indefinições, confusões, fragmentos em transe... As criações imagéticas e poéticas expressam e expandem linhas de subjetivação, liberam fluxos reprimidos por entre grades e palavras de ordem. A palavra de ordem do Estado que restringe a liberdade para reparar, a palavra de ordem do mundo do crime que, para alguns deles, apresenta-se como saída única para o sucesso, liberdade e risco.

Com Peter Pál Pelbart (2009) nos perguntamos: “Como abrir um campo de possíveis desde o intolerável?”. Nesta comunicação propusemo-nos a escrever a partir das reverberações desses encontros, guiadas pelo desejo de abertura de possíveis desde o esgotamento das possibilidades dadas. Seria a arte um meio de criação de possíveis encontros? Na mutação subjetiva e coletiva do processo criativo, quem sabe um outro desenho “para as fronteiras entre o desejável e o intolerável” em que sabe aí “o inimaginável possa tornar-se pensável, desejável e visível” (PELBART, 2009, p. 36). Desejou-se abrir outros modos de encontrar e criar com o intolerável. Desejou-se imaginar e fazer ver mundos que se desenhavam na linha do encontro com a poesia e com a arte fotográfica.

Primavera

Sabes?...
 Sabes que lá fora
 anda de novo a primavera,
 a brincar, nas tranças
 dos cabelos das crianças?...
 Sabes que lá fora
 ela anda de novo (a louca!...)
 a gargalhar promessas e alegrias
 na boca
 dos camponeses?...
 Sabes?.....
 Não! Nem tu,
 nem eu sabemos...
 A primavera só regressa
 para aqueles que algum dia
 abandonou...
 E não foi para nós Amor,...
 não foi para nós...,
 que a primavera voltou..
 de Alda Lara (Angola)



Figuras 06, 07 e 08: Arquivo do Coletivo Fabulografias.

Referências

CRAVEIRINHA, J. **José Craveirinha**: antologia poética. Ana Mafalda Leite (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

PATRAQUIM, L. C. **Luís Carlos Patraquim**: antologia poética. Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

PELBART, P. P. Imagens do (nosso) tempo In: FURTADO, B. (Org). **Imagem Contemporânea, cinema, tv, documentário, fotografia, videoarte, games...** v. II. São Paulo: Hedra, 2009.

PREVE, A. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. Tese de doutorado, Biblioteca Digital da Unicamp, 2011.

KASTRUP, V. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013.

LARA, A. **Poemas**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979.

VILELA, E. **Silêncio Tangíveis**. Corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos do abandono. Porto: Afrontamento, 2010.

Sobre as autoras:

Alessandra Melo é licenciada em Filosofia e mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua como professora na rede pública da cidade de Campinas na disciplina de filosofia na Fundação Casa unidades Campinas e Maestro e na Escola Telêmaco Paioli Melgis. Supervisiona o Programa de iniciação a docência do Depto de Filosofia da Unicamp. *E-mail:* alessandra_telecom@yahoo.com.br.

Alik Wunder é Doutora em Educação na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua como professora e pesquisadora na Faculdade de Educação da Unicamp. Integra a diretoria da Associação de Leitura do Brasil (ALB). *E-mail:* alick.wunder@gmail.com.

Davina Marques é Doutora em Letras, na área de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo (USP). Atua como professora e pesquisadora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Hortolândia, São Paulo, Brasil. *E-mail:* davina.marques@ifsp.edu.br.